UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Av. Fernando Ferrari, 514 Vitória – ES – CEP: 29.075-910
Campus de Goiabeiras Tel: +55 (27) 3335 2324 – R. *5254
E-mail: ppghis.ufes@hotmail.com
http://www.historia.ufes.br

PROCESSO SELETIVO DE DOUTORADO 2018
PROVA ESCRITA DE CONTEÚDO

CHAVE DE CORREÇÃO

QUESTÃO 1

Explique como Victor Nunes Leal, em *Coronelismo, enxada e voto*, articula a conceituação de coronelismo e eleições municipais.

GABARITO

Na resolução da questão, o candidato deverá ser capaz de:

- definir coronelismo e sua temporalidade: sistema político dominado por uma relação de compromisso entre o poder privado e o poder público no regime republicano.
- discutir o caráter do compromisso coronelista: Com o advento da abolição e a proclamação da República, inúmeros indivíduos foram reconhecidos como eleitores, mas foram mantidas as antigas estruturas sociais baseadas no grande latifúndio. Essa combinação, na opinião de Victor Nunes Leal, vinculou os detentores de poder central aos homens com capacidade de mobilização nas administrações municipais.
- discutir a natureza do compromisso coronelista: para Victor Nunes Leal o coronelista é sistema político essencialmente governista.
- discutir o caráter do poder municipal no compromisso coronelista: a fraqueza dos poderes locais para Victor Nunes Leal advém da debilidade da autonomia financeira das municipalidades, crescente desde a independência em desfavor das finanças municipais.

QUESTÃO 2

O século XVIII marcou profundamente a sociedade Ocidental e nele teria sido forjada a compreensão ainda hoje dominante na cultura e nos valores sociais que a massa inteira da nação é agente da história. Um novo valor revolucionário, tomada de consciência da importância da população, exalta o interesse em produzir seres humanos que serão a riqueza do Estado. E são as mulheres responsáveis para o êxito dessa operação. Mas, nem todas elas foram sensíveis aos mais diversos argumentos utilizados para persuadi-las de assumirem tal responsabilidade. Tomando por base o capítulo *Um novo valor: o amor materno*, de Elizabeth Badinter, elabore um texto dissertativo a partir dessas reflexões.

GABARITO

Na resolução da questão, o candidato deveria abordar os seguintes aspectos:

1- Na França do final do século XVIII, surge uma nova mentalidade na relação súditos e realeza, pois importa antes 'produzir seres humanos que serão a riqueza do Estado'. Para discutir tal ideia, a autora lança mão de três argumentos básicos que são os discursos econômico, filosófico e o que pretende convencer às mulheres que são elas as responsáveis pela "salvação" do Antigo Regime.
2- A maternidade, então, se torna um novo valor revolucionário e passa a ser tratado como o mais viável para atender aquele objetivo.
3- Na França, até aquele momento, persiste a prática de a criança, logo ao nascer ser entregue aos cuidados de uma ama, sem que os pais tenham contato com seus filhos até determinada idade.
4- Por isso, os discursos que tentam salvar o Regime, cada um voltado aos interesses do grupo que o elabora, utilizam-se de argumentos próprios para convencer às mulheres que a maternidade é o recurso mais viável para atender aquele objetivo. Ou seja, os discursos voltam-se à tomada de consciência da importância da maternidade, agora compreendida como associação da palavra "amor" que envolve a relação mãe e filho.
5- O discurso econômico calcula o valor de cada homem (militar, marinheiro, agricultor, pobre, mendigo, prostitutas e crianças abandonadas) para mostrar que a riqueza do Estado funda-se na proteção da criança, logo após o seu nascimento, como forma de sobrevivência para, no futuro, dentre outras possibilidades, o Estado ter braços para a guerra e para a foice no campo. Este discurso tem como base o alto índice de mortalidade infantil.
6- O discurso filosófico tem como expoentes a Encyclopédie e o Contrato Social. Na primeira, o discurso volta-se ao poder parental do patriarcado que se funda na ideia da fragilidade da criança e na autoridade dos pais. Por outro lado, Rousseau propõe uma nova família, na qual os cuidados com a criança devem ser em termos morais. Para ele, a família é uma sociedade provisória e a maternidade surge com a convivência entre mãe e filho e dai surge a "ternura materna". Nesse discurso são discutidas a igualdade e a felicidade demonstrando a importância da família na sobrevivência e na criação dos filhos.
7- O discurso dos intermediários ao mesmo tempo que suplicam às mulheres à tomada de consciência de sua influência e de suas responsabilidades quanto à primeira educação dos homens e de seus costumes, as acusam de desprezar tais tarefas "divinas", muitas vezes em nome da vaidade. Esse discurso, proferido por médicos, moralistas, filantropos, administradores, pedagogos e chefes de polícia, visavam um retorno à natureza, utilizando argumentos de comparação das mulheres com as fêmeas animais, enaltecendo as mulheres selvagens, imprimindo nas mulheres o sentimento de culpa e condenando a desnaturalização feminina. Faziam promessas quanto a beleza da mulher pelo prazer de amamentar, mostrando como o carinho com os filhos demonstra a fidelidade ao marido e o alcance da gloria social, além da economia que a família fazia em não mais enviar os filhos para serem criados pelas amas. As

ameaças, presentes nesse discurso, incluía o perigo à retenção do leite, ao câncer de mama, à morte e o pecado contra Deus.

8- As mulheres reagiram a esses discursos de forma lenta e diversa, pois o interesse, as possibilidades econômicas e sua posição social ditou seu comportamento como mãe. Todas sofreram a insistência impertinente dos discursos para provar seu amor pelos filhos por meio do aleitamento, por novas práticas de higiene, pelo tratamento da saúde da criança, pela presença do médico de família e a vigilância constante da criança. Muitas delas, burguesas, aceitaram os discursos e, principalmente, a mulher que lia Rousseau, queria parecer instruída e amamentava o próprio filho, demonstrando prazer e alegria. Eram mulheres que não precisavam trabalhar, pois esposas de comerciantes ricos, mas precisavam dar sentido às suas vidas. As aristocratas demoram em adotar a moda de família e não aceitaram de pronto os assédios. Mantiveram por mais tempo a prática de ter governantas e preceptores para cuidar e educar seus filhos. A mulher das classes desfavorecidas precisava trabalhar, e, por isso os filhos eram fardos pesados. Tinham muitos filhos e esses morriam prematuramente. Por precisarem trabalhar para sobreviver continuaram a deixar seus filhos ou com amas ou os abandonavam nas rodas. Dentre todas essas classes sociais, haviam mulheres que fingiam aceitar os assédios por interesses, eram negligentes, trapaceiras ou mesmo tinham desprezo pela ideia de maternidade.

QUESTÃO 3

No ápice do Iluminismo durante o século XVIII e na virada do século XX para o XXI presenciamos manifestações bastante distintas de crises da consciência histórica que receberam interpretações substanciais em Reinhart Koselleck e em François Hartog. Ambos analisaram configurações particulares de leitura crítica do passado e perspectivas de futuro naqueles dois contextos. A partir das leituras indicadas na bibliografia fale a respeito.

GABARITO

O problema da consciência histórica em Koselleck apresenta uma configuração particular entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa durante o Iluminismo, no qual há uma reavaliação crítica do passado e uma abertura otimista de projetos de futuro que consolidam a modernidade e aceleram tanto o tempo como a política, algo perceptível nas inovações semânticas dos conceitos mobilizados pelos pensadores e nas reações dos Estados monárquicos às tensões políticas surgidas. Isso explicita a tese fundamental de *Crítica e crise*: a relação entre a crise do Absolutismo e as críticas que lhe foram dirigidas pelos pensadores do Iluminismo. Surgia ali uma nova filosofia da história que rompia com a escolástica, a teologia e o despotismo. Os capítulos em tela demonstram como as tensões sociais e a emergência da dimensão moral na política foram incorporadas ao vocabulário e aos textos filosóficos e políticos produzidos. Koselleck analisa o comportamento dos

maçons e a dissimulação da crise na Alemanha e na França, destacando a atuação do ministro das Finanças, Turgot em prol do estabelecimento de um governo mais ilustrado ou esclarecido, indicando como a moral passou a influir na condução da política e nas decisões da Justiça, colocando a lei e a tolerância como pilares para novas relações entre Estado e sociedade. A ameaça da guerra civil e da revolução produziram reclames por reformas institucionais, que são bastante evidentes no pensamento de Rousseau, o qual representa um marco da emergência da vontade popular face ao poder absoluto dos reis. Koselleck também demonstra como Diderot e o abade Raynal diagnosticaram esse contexto crítico como sendo um espaço de emergência da sociedade visando à transformação do *status quo* existente, convertendo súditos em cidadãos. François Hartog parte da leitura de Koselleck sobre o problema da consciência histórica e da relação passado-presente-futuro, para indicar como, na virada do século XX para o século XXI, o futuro surge como algo ameaçador e fechado – traduzido no temor com hecatombes naturais, sugerindo ainda o esgotamento dos projetos da modernidade. Diante disso, o domínio do presente parece se estender, abarcando passado e futuro, inaugurando o que ele chama de regime presentista na História. Esperava-se dos candidatos que percebessem esse contraponto fundamental entre Koselleck e Hartog: no século XVIII o futuro está aberto e a modernidade triunfante evidencia a pressão da sociedade sobre o Estado a fim de estabelecer as leis e a justiça sobre novas bases, ao passo que no alvorecer do século XXI o futuro parece estar fechado e o projeto da modernidade – em especial a ideia de progresso e de triunfo da liberdade – sofre reveses e críticas, expondo as fragilidades desse Estado nacional que substituiu o antigo Estado absolutista, bem como as frustrações da sociedade diante da impossibilidade de atingir um *telos* ideal. Hartog passa a analisar a crise do regime moderno da História, que de ciência e ética universal, quase um *tribunal da razão* como o dos *philosophes* iluministas, tem seus domínios abalados pela ascensão do presentismo, pelos *excessos* da memória, pelo culto ao patrimônio e pelo pessimismo diante do futuro. A inércia e o imobilismo, diante do ceticismo face ao futuro, parecem frustrar as energias utópicas da modernidade. Hartog evidencia a crítica e os abalos produzidos pelo existencialismo, pelas guerras, pelo estruturalismo indicando como o futurismo foi sendo substituído pelo presentismo. Memória, patrimônio, comemoração, turismo, enfim, são vários os sintomas que o autor apresenta para demonstrar a emergência deta nova consciência histórica. Hartog faz ainda um balanço crítico sobre o papel da memória da república na França, que se assemelha a um culto e a um saudosismo passadistas, bastante diferente da conjuntura do Iluminismo e sua rejeição ao passado absolutista. Hartog demonstra também como essas novas práticas e relações diante do passado nacional evidenciam a incapacidade da história em deter o monopólio sobre ele. Quadro bem diferente do conceito antigo de história, no qual ela era senhora tanto do passado quanto do presente, ao qual fornecia exemplos por meio de sua antiga assunção de *magistra vitae*. Nesse ponto, os candidatos poderiam expor as considerações que Hartog faz, extraindo diversos exemplos da Antiguidade e, em seguida da perda de vigor do binômio nação-progresso -

característica da modernidade. E apresentar o amplo leque de análises daquele autor acerca do momento memorialista e o culto às comemorações na conjuntura dos 200 anos da Revolução Francesa, localizado na leitura de*Lugares de memória* de Pierre Nora, que é, essencialmente, uma história do e para o presente, que torna a exaltar monumentos históricos, aparentemente, velhos e ultrapassados. Hartog também recorre a exemplos da Antiguidade, em especial, romana para discutir a questão do patrimônio, investigando a permanência e a atribuição de novos significados a objetos da cultura material, aspecto decisivo para que o autor possa explicitar o problema da historicidade.

QUESTÃO 4

Segundo Silva (2003, p. 170), "ao longo do período helenístico e, posteriormente, sob o Império Romano, vemos desenvolver-se o conceito de *theios aner*, do homem de vida e caráter excepcionais que difunde o conhecimento superior que possui entre os seus contemporâneos". Disserte sobre o conteúdo do conceito de *theios aner* e sobre as principais categorias de homens divinos pagãos e cristãos na Antiguidade Tardia.

GABARITO

Na resolução da questão, o candidato deveria abordar os seguintes aspectos:

- O conteúdo do conceito de *theios áner*, de homem divino, cuja autoridade repousava nos poderes miraculosos que possuía. De início um filósofo, a partir do século III o *theios áner* se converte num taumaturgo depositário de poderes que poderíamos qualificar como esotéricos. No Baixo Império, essas personagens deveriam, em geral, cumprir um ritual de iniciação constituído pelo estudo dos textos sagrados e pela reclusão ascética, antes de serem declarados taumaturgos.
- A atuação dos mistagogos como homens divinos. Os mistagogos eram os sacerdotes dos cultos de mistério que exerciam poder sobre as suas respectivas comunidades. Uma documentação da maior importância para o estudo dos mistagogos como *theioi andrés* são os Papiros Mágicos Greco-Egípcios, uma coletânea de fórmulas mágicas encontrada na província do Egito.
- A atuação dos filósofos neoplatônicos como homens divinos. Nesse sentido, deve-se destacar a atuação de Jâmblico, que toma os *Oráculos Caldaicos* como fonte de conhecimento. Os filósofos neoplatônicos eram executores de uma magia qualificada como *teurgia*, ou seja, uma modalidade de conhecimento cuja principal finalidade seria colocar o praticante em contato direto com a divindade, o Uno, o que equivalia a um processo de iluminação interior.
- A atuação dos monges e bispos, que representam a versão cristã do *theios áner*. Submetendo-se aos rigores da disciplina ascética, os

monges, ao término do seu treinamento espiritual, eram capazes de afrontar os demônios e executar milagres. Os bispos, por sua vez, também são reputados como taumaturgos. Monges e bispos, em diversas circunstâncias, foram considerados defensores espirituais da sua própria cidade.